

## NOVAS RELIGIOSIDADES E RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

Prof. Dr. Cláudio Vianney Malzoni<sup>1</sup>

### Resumo

O Artigo faz um levantamento de algumas tendências culturais do mundo atual e reflete sobre como essas tendências aparecem refletidas nas novas manifestações religiosas, estabelecendo um confronto com a Teologia Tradicional Cristã. A modo de conclusão, apresenta pressupostos que possam orientar uma renovação espiritual nos dias de hoje.

**Palavras-chave:** Espiritualidade, Novos Movimentos Religiosos, Mística Cristã.

### Abstract

This Article makes a survey regarding to the nowadays world cultural tendencies and reflects about the way these tendencies appear as reflected ones in new religious manifestations, setting a confrontation face to Christian Traditional Theology. By way of conclusion, it presents presuppositions that would be able orientating nowadays a spiritual revival.

**Key words:** Spirituality, New Religious Movements, Christian Mystic.

**E**stamos no terceiro e último dia do II Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP. O tema deste simpósio é muito sugestivo: “As muitas faces de Deus: desafios do pluralismo religioso”. Esse tema já nos indica que vivemos em uma realidade complexa de múltiplas manifestações religiosas e que compreender essa realidade é um desafio. O subtema deste nosso dia de hoje é “Pluralismo religioso e teologia multirreligiosa”. Esse tema nos orienta para uma direção, a de como a realidade complexa do pluralismo religioso desafia a Teologia. Enfim, o tema desta conferência é “Novas religiosidades e renovação espiritual”. Queremos desenvolver esse tema em três etapas.

A primeira será um levantamento de algumas tendências do mundo atual no qual vivemos. A segunda etapa será uma reflexão de como

essas tendências aparecem refletidas nas novas manifestações religiosas que encontramos nos dias atuais. A terceira etapa será a de um breve confronto do quadro que traçamos com a teologia tradicional cristã. A modo de conclusão, queremos adicionar um quarto ponto, que seria o de um pressuposto básico que orientasse, a nosso ver, uma renovação espiritual nos dias de hoje.

Começemos por levantar algumas tendências que nos ajudem a compreender algo do complexo mundo em que vivemos. Elencaremos cinco tendências.

Uma primeira tendência a ser assinalada seria a tendência ao reforço da individualidade. A noção de pessoa é, com certeza, um ganho notável da humanidade. Não creio que seja possível datar o aparecimento dessa noção. Alguns textos antigos, dentre os quais alguns textos bíblicos, já pressupõem essa noção. Cito, particularmente, o capítulo 18 do livro de Ezequiel. No entanto, também é certo que a consciência de que cada pessoa é única se foi ampliando ao longo da história. Para isso, contribuíram a Filosofia, as ciências humanas, notadamente, a Psicologia e a Psicanálise e, a seu modo, as religiões. A ética, ao evocar noções como a de liberdade, vontade e razão, também contribuiu para tornar cada vez mais clara a idéia de que cada um de nós é um ser único. É certo que a noção de individualidade não excluiu, necessariamente, a noção de coletividade, mas o que se evoca aqui é que aquela avançou, e muito, no campo de percepção desta.

Assim, a pessoa se descobre, atualmente, muito mais enquanto sujeito individual que como sujeito em uma coletividade ou mesmo coletivo. A coletividade não desaparece, não se trata disso, mas da percepção de si que tem cada pessoa. Há uma afirmação do eu, do eu único, e, tantas vezes, do eu sozinho, em face do nós coletivo. Em vista disso, cresce a sensação de solidão nas pessoas. Solidão e desamparo. Um retrato dessa solidão pode ser visto no documentário Edifício Master, de Eduardo Coutinho, filmado em 2002, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro.

A segunda tendência que assinalamos vai pela direção oposta da primeira, ao menos à primeira vista, é a tendência a uma comunicação global. Já se disse que a Terra voltou a ser plana, dada a facilidade atual de uma comunicação em âmbito planetário. As viagens aéreas

encurtaram as distâncias entre os continentes, a televisão nos traz imagens quase que imediatas do que se está passando em diversas partes do mundo e, graças à telefonia e à internet, as pessoas também podem comunicar-se com outras que vivem a quilômetros de distância em tempo real. Tudo isso aumenta nossa percepção de viver em um mesmo planeta. Guardando certas distinções, podemos dizer que é a primeira vez que isso acontece na história da humanidade<sup>2</sup>.

Com a internet, veio também o assim chamado “mundo virtual”. É um mundo que está na internet, que está em toda parte e que não está em lugar algum, ou em algum lugar que não sabemos onde está. Esse mundo virtual trouxe novas possibilidades de comunicação, mas parece também ter causado um maior isolamento das pessoas, sem que se compreenda muito bem como isso é possível. Ilustrativo desta situação é o filme “Denise Calls Up”, em português “Denise está chamando”, do diretor Hal Salwen, feito em 1995, nos Estados Unidos. No filme, um grupo de amigos comunica-se unicamente a distância, servindo-se de algum meio de comunicação. Eles não se encontram. Um certo medo parece impedi-los de se encontrar. O filme já tem doze anos e as possibilidades de comunicação a distância, de lá para cá, só se ampliaram.

Uma terceira tendência que gostaríamos de notar é a de um crescente sentimento de insegurança e de impotência. A razão primeira para isso parece ser o bombardeio diário de notícias de violência feito pelos meios de comunicação de massa: imprensa escrita, rádio e televisão. Diante da violência noticiada, as pessoas se sentem inseguras e incapazes de mudar tal situação.

Mas o sentimento de insegurança não surge apenas diante da violência praticada por bandidos e delinquentes. Ela é mais assustadora quando a população se vê diante do chamado crime organizado. Quanto ao sentimento de impotência, ele é ainda maior quando a pessoa se dá conta de que não tem como influir nas decisões políticas de seu país. Por decisões políticas, compreendemos aqui as decisões que provêm tanto do Estado como de seus governantes. O sistema eleitoral, como o temos em países como o Brasil, convence um número cada vez menor de pessoas. A maioria já teria percebido que tal sistema mal serve para trocar os governantes, e quase nada muda quanto

às políticas governamentais. É quanto a essas políticas que o indivíduo se sente sem poder algum.

Paralelamente, também cresce nas pessoas o sentimento de estar sendo controlado e ou vigiado. “Sorria, você está sendo filmado”. É um aviso que encontramos por toda parte. Há mecanismos de controle, mais ou menos eficientes, para entrarmos em um banco, na sala de espera – que às vezes pode ser muito longa – de um aeroporto, e em muitos outros lugares. Para algumas pessoas, até mesmo para chegar a suas casas, quando se mora em condomínios. Esses mecanismos de controle, à primeira vista, quase sempre fazem com que nos sintamos mais seguros, ou menos inseguros. Mas, com o passar do tempo, nós nos damos conta que um desses mecanismos de controle pode acabar identificando-nos como *terrorista*, e aí nossas chances de provar que não o somos são pequenas. Atrás da câmara de vídeo não há um rosto, não há com quem dialogar. Mesmo os agentes de segurança não dialogam, não são treinados para isso. Tudo fica parecendo inútil. Entramos em um processo kafkiano.

A quarta tendência que notamos é a tendência, ao mesmo tempo, à especialização e à fragmentariedade. Essa tendência mostra-se, de maneira clara, na universidade, mas não é somente aí que podemos encontrá-la. Se, por um lado, a especialização trouxe avanços imensos no campo da racionalização do trabalho, para dar outro exemplo, a fragmentarização, que sempre a acompanha, influi de maneira marcante sobre as pessoas. O filme *Tempos Modernos* (*Modern Times*), de Charles Chaplin, feito em 1936, já ilustrava muito bem essa situação.

De um modo especial, essa tendência teria atingido o tempo, que se fragmentou quase ao infinito. Das horas aos minutos, e deles aos segundos. Também os espaços se compartimentaram e tornaram-se cada vez mais especializados para determinadas atividades. Caminhamos para o infinitamente pequeno, ao mesmo tempo que os astronautas partem rumo à amplidão do universo.

Enfim, a quinta e última tendência que queremos assinalar é a consciência crescente de que vivemos em um mundo marcado pela pobreza de milhões de pessoas. Vários esforços têm sido feitos em âmbito internacional e no Brasil para diminuir o sofrimento daqueles que não têm o necessário para viver. Ao lado dessa realidade, temos o

mundo dos super-ricos, aqueles que possuem uma riqueza que já se tornou incomensurável. Diante do drama da pobreza, são apresentadas soluções – em geral por aqueles que não a vivenciam – de tipo econômico. Do ponto de vista econômico, o problema da pobreza é que os pobres não são consumidores! Pensa-se a pobreza apenas do ponto de vista econômico. Mas isso é apenas uma meia verdade. O drama da pobreza tem outras facetas que não são econômicas. E nós, pessoas humanas, temos outras necessidades que não são econômicas.

Nosso próximo passo será tentar articular essas tendências com certas manifestações religiosas atuais, algumas entre as mais comuns que encontramos<sup>3</sup>.

De um modo geral, as novas religiosidades tomam a pessoa muito mais enquanto sujeito individual que enquanto pertencente a uma coletividade. Não é difícil comprovar isso. Basta participarmos de uma celebração religiosa e prestarmos atenção às músicas que são cantadas: elas falam de *meu* relacionamento com Deus. Nas lojas de artigos religiosos, podemos comprar CDs de músicas que cantam *meu* relacionamento com Deus. Nessas novas religiosidades, é “meu-eu” que é chamado a assumir uma postura em relação a um “tu-Deus”. Essa experiência pode, inclusive, ser feita numa coletividade sem que essa coletividade apareça como mediadora dessa experiência. “Deus fala no mais profundo de meu coração”.

Não é difícil ter um contato com as novas religiosidades. Basta ligar a televisão. De fato, assistimos a uma proliferação de emissões religiosas pelos meios de comunicação: jornais, rádios e televisão. A mídia tornou-se um espaço de vivência religiosa. Também na internet podemos encontrar inúmeros *espaços* religiosos. A religião também entrou no mundo virtual. Além disso, as pessoas se locomovem em busca de experiências religiosas e vemos acontecer grandes celebrações ou concentrações religiosas às quais as pessoas acorrem numerosas.

De um modo geral, a figura de Deus que aparece nessas novas configurações religiosas é a de um protetor. Mas esse mundo religioso nem sempre é habitado apenas por Deus. Forças do mal também o povoam, e os santos, e os anjos, e os orixás, e os antepassados, e os

espíritos. Isso tudo varia de uma para outra forma de religiosidade. Nesses casos, a experiência religiosa é vivida como a experiência de um contato com um mundo outro, mas que está presente e influi no mundo este.

A tendência à fragmentariedade que assinalamos acima também pode ser encontrada nas novas religiosidades. Ela pode ser notada, por exemplo, no significado atribuído às práticas religiosas, enquanto uma entre tantas atividades da pessoa. Deus está presente em uma esfera específica da vida, no âmbito especializado do sagrado. Por outro lado, a consciência cada vez mais clara da multiplicidade de experiências religiosas, a proliferação de igrejas e de modos de ser e pensar as religiões deixam a impressão de que as religiões possuem um código de verdades (ou doutrinas) relativo a elas mesmas. Por exemplo, crê-se em que Jesus Cristo seja a palavra definitiva de Deus para a humanidade, mas essa afirmação, embora universal, fica restrita aos círculos cristãos. Por mais paradoxal que possa parecer, tem-se a impressão de que as verdades da fé são absolutas, mas apenas para aqueles que aderem a essas verdades de fé. Chega-se a um impasse.

Outro traço característico presente em muitas das novas configurações religiosas é a propagação do que se convencionou chamar de “teologia da prosperidade”. Talvez também pudéssemos chamá-la de “espiritualidade da prosperidade”, uma vez que ela é, de fato, um *motor* espiritual que move as pessoas. A espiritualidade da prosperidade é uma resposta ao drama da pobreza presente no mundo em que vivemos. Enquanto resposta, ela não questiona as estruturas sociais, mas questiona as pessoas. São as pessoas que devem *combater* para prosperar.

Restaria ainda a dizer que muitas das novas configurações religiosas apelam sobretudo para o emocional das pessoas. Nesses casos, a experiência do sagrado que propõem é uma experiência sensitiva e sentimental. A lógica desse tipo de experiência escapa à própria lógica. Daí, vem uma dicotomia entre fé e razão. Pensa-se, por exemplo, que a fé entra quando a razão já não mais alcança. Mas não se pensa que é a própria razão aquela que pode articular o discurso da fé. Ou ainda se propõe que o mundo das experiências do sagrado nada tem a ver com o mundo da razão. Rompe-se o possível diálogo entre fé e razão.

Não quero dar a impressão de estar traçando um quadro tão somente negativo das novas religiosidades. Mesmo porque essas novas manifestações religiosas, bem ou mal, estão respondendo às inquietações atuais das pessoas. Por outro lado, também não podemos abdicar a refletir criticamente sobre elas. No mais, as novas religiosidades parecem-me uma realidade tão complexa que tampouco quero deixar a impressão de que penso ter esgotado, no quadro descrito acima, tudo o que há para se dizer a respeito deste tema.

Nosso próximo passo será tentar refletir teologicamente a partir deste quadro que acabamos de traçar. Uma primeira questão que se nos apresenta é se a Teologia será capaz de acolher essas novas configurações religiosas. Há quem diga que vivemos em um mundo onde há religiões demais, mas sem que necessariamente Deus esteja presente nelas. Em outras palavras: uma enorme busca de Deus não significa, por si só, que se busque corretamente e que, portanto, se chegue a encontrar. O esforço que faremos a seguir será o de tentar compreender, teologicamente, as atuais configurações religiosas. Isto, nós o faremos nos marcos da tradição bíblico-teológica cristã, que é aquela que conhecemos.

Essa tradição cristã sempre valorizou a pessoa humana. Percorrendo as páginas da Bíblia, certamente, podemos perceber que essa valorização vai aprofundando-se mais e mais. Ela é maior no Novo Testamento que no Antigo Testamento, mas nem por isso está ausente deste. A tradição bíblica, no entanto, também nos faz pensar na categoria de *Povo de Deus*. A pessoa encontra-se consigo mesma nos marcos deste povo assinalado como *de Deus*, o que faz que se encontre também com o *Deus do povo*. Temos um tríplice encontro: consigo, com Deus e com o povo.

A insistência na individualidade que constatamos acima, como tendência atual que se reflete nas novas religiosidades, pode, contudo, ajudar a teologia tradicional a não pensar a coletividade como opressora da individualidade. No fundo, este *eu* que se afirma na modernidade quer ser tratado com carinho, quer ser ouvido e acolhido. Em outras palavras, longe de serem descartadas como individualistas, as novas manifestações de religiosidade poderiam ajudar a teologia tradicional a contrabalançar individualidade e coletividade.

Vivemos num mundo globalizado. Mas há níveis diferentes de globalização. Há pessoas que viajam constantemente e pessoas que quase não viajam, que circulam num espaço restrito ou mesmo que nunca saíram da cidade onde nasceram. O comércio globalizado traz até minha casa produtos de diversas partes do mundo (de modo especial da China, como este computador com o qual estou escrevendo). Mas há pessoas, e são muitas, que não têm acesso a esses produtos. Aparelhos de televisão e de telefonia estão presentes em muitas casas, mas o acesso à internet ainda não está ao alcance de todos. Os meios de comunicação de massa oferecem, apesar de todos os poréns, novas e diversificadas possibilidades de comunicação.

A comunicação neste mundo globalizado propõe, sem dúvida alguma, infinitas novas formas de comunicação de mensagens religiosas. A *Palavra*, no cristianismo, é um elemento central. Ora, a palavra falada e escrita, hoje, pode ser difundida com muito mais amplitude. As novas formas de comunicação criam, inclusive, novas possibilidades de interação entre aquele que comunica e aquele que recebe a mensagem. Há que se utilizar todo esse potencial. Fica, no entanto, a dúvida se o mundo virtual criado por esses meios de comunicação, na verdade, não passa de um mundo de faz-de-conta, um mundo de mentira e se o anunciador da mensagem, falando para tantos, não falou para ninguém e se, no final da cadeia de comunicação, o sujeito receptor não continua solitário diante de seu aparelho de rádio, de televisão ou de seu computador.

Há ainda um outro elemento a se levar em consideração. A globalização pode tornar mais claro para a pessoa que não são muitos os que pensam como ela, não são muitos os que crêem como ela. O mundo unitário das sociedades religiosas acabou. Em âmbito mundial, as religiões têm que conviver com a verdade de que nenhuma delas é majoritária. Isso não é propriamente um dado novo a ser pensado pela Teologia, mas uma perspectiva nova a partir da qual pensar a Teologia. Isso já começou a ser feito, mas parece que ainda estamos apenas no início desse processo. E esse início já serviu para nos mostrar que precisamos de muito mais humildade do que supúnhamos.

Já acenamos que as novas religiosidades se caracterizam pela busca de experiências do sagrado. Aqui, damos ao sagrado o signifi-



cado de raro, em contraposição ao comum, o diferente em relação ao sempre igual, o que vai além, em contraponto ao que está presente. Milagre e mistério caracterizam o sagrado. Compreendido dessa forma, o sagrado escapa à própria vida, ao menos em sua cotidianidade. Há o espaço sagrado, o tempo sagrado, os objetos sagrados. Mas não se sabe muito bem qual sua função em relação ao ordinário: se lhe dão sentido, ou se lhe tiram sentido.

Na tradição cristã, persiste uma tensão entre o sagrado e o comum. Podemos acompanhar, na Sagrada Escritura, como essa tensão se faz presente constantemente. Por exemplo, ela aparece no modo de valoração do templo, o espaço sagrado por excelência, ou na valoração do sábado, como o tempo sagrado. Ela aparece também na sua versão de tensão entre o puro e o impuro. De um modo marcante, podemos dizer que Jesus de Nazaré redimensiona o sagrado para o cotidiano e a Igreja nascente continuou nesta mesma linha. Não que o sagrado desapareça, mas ele deixa de desempenhar a função de separar para assumir a função de dar significado às coisas do cotidiano. Quando Paulo escreve “Ou não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós e que recebestes de Deus?” (1Cor 6, 19), que está ele fazendo: desacralizando o templo e sacralizando o corpo? ou enchendo de significação (religiosa) nossa realidade corporal?

Notamos também acima, entre as outras características que apontamos para as novas religiosidades, que, em geral, elas tomam a pessoa mais pelos seus sentimentos, falando mais à emoção que à razão. Como consequência, há uma renúncia implícita, da parte dessas novas religiosidades, em fazer Teologia. A Teologia é essencialmente racional. Mesmo quando seu ponto de partida é um dado de revelação, o papel da Teologia é articular esse dado em um discurso racional. Ao relegar o dado teológico a um segundo plano ou mesmo ao desprezá-lo, as novas configurações religiosas ganham os teólogos como seus inimigos<sup>4</sup>. Se não todos os teólogos, ao menos aqueles que se propõem pensar e gostam de debater. Em lugar da Teologia, pode surgir um tipo de ciência da religião fenomenológica. Mas, então, o vínculo entre fé e razão, peculiar à Teologia, fica desfeito.

Em relação à Bíblia, e isto dentro dos marcos da tradição cristã, fala-se em uma leitura fundamentalista que seria própria dessas novas

religiosidades. Aqui seria preciso caminhar para uma maior precisão de termos. Primeiramente, nem todas as novas configurações religiosas se inscrevem no âmbito da tradição bíblico-cristã, e mesmo entre aquelas que aí se inscrevem, nem todas têm na Sagrada Escritura um de seus elementos centrais. Fiquemos, pois, com aquelas manifestações religiosas que fazem da Sagrada Escritura uma de suas bases fundamentais. O que se quer dizer quando se fala, neste contexto, de *leitura fundamentalista da Bíblia*? Perguntei a uma pessoa que me respondeu que é uma leitura *ao pé-da-letra*. Em outras palavras, seria uma leitura sem se fazer recurso à hermenêutica, sem referência ao contexto em que a Bíblia foi escrita. Ora, uma leitura que leve em consideração o contexto em que um texto foi escrito, e ainda mais no caso da Bíblia, um livro milenar em vários sentidos, é uma leitura especializada, fora do alcance da maioria das pessoas, fora do alcance mesmo do crente. Indo por esse caminho, deveríamos dizer que toda leitura que se faz da Bíblia fora desses marcos é uma leitura fundamentalista, ou que apenas poderíamos chamar de leitura fundamentalista aquela de um especialista que, embora tendo a possibilidade de fazer uma leitura hermenêutica, faz uma leitura que não leva em consideração o contexto em que o texto foi produzido. Em outras palavras, a expressão *leitura fundamentalista* pode aparecer como a expressão de uma postura elitizada.

Por outro lado, o que pode e deveria ser criticado, isto é, passar pela crítica, seria uma *leitura individualista* da Bíblia. Essa leitura, se levar em consideração apenas aquele que lê, individualmente, sem referência à coletividade, sem referência ao *Povo de Deus*, esta sim, seria uma leitura fundamentalista em si. E isto porque essa leitura não leva em consideração que a Bíblia é a expressão de fé do Povo de Deus, no seio do qual nasceu. Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que o Povo de Deus é anterior à Bíblia e que a Bíblia, ou se preferirmos chamá-la de *Sagrada Escritura*, não esgota o conceito de *Palavra de Deus* que lhe é mais amplo. Não deveríamos dizer que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas que é uma Palavra de Deus. Se essa relação é rompida, e esta é uma relação hermenêutica, temos uma leitura fundamentalista.

Assinalemos ainda um ponto que nos parece importante como pista para a continuidade da reflexão. A tradição bíblica nos parece envolvida por uma rebeldia crítica empolgante diante de toda e qualquer configuração social. Renunciar a essa crítica é querer calar a voz dos profetas.

Chegamos a nosso último ponto. Quando nos referíamos acima às novas religiosidades como experiências do sagrado, estávamos movendo-nos nos marcos de um trabalho de H. C. de Lima Vaz que distingue experiência religiosa de experiência de Deus. Trata-se de um texto chamado “A experiência de Deus”, publicado em 1974, no livro *Experimentar Deus hoje*<sup>5</sup>. À experiência religiosa corresponde a experiência do sagrado, enquanto que à experiência de Deus corresponde a experiência do sentido. Lima Vaz se diz mover-se no plano da filosofia ao estabelecer essa distinção e não no plano da Teologia. O sentido ao qual se refere é o sentido último de todas as coisas e não é só enquanto sentido para o qual todas as coisas tendem, o que seria mais uma proposição teológica, mas aquele que sustenta o sentido de todas as coisas. Proporcionar o encontro com esse sentido é o que falta a muitas das novas configurações religiosas.

Também seja dito, no entanto, que as novas configurações religiosas oferecem uma *casa* às pessoas, o que a “velha teologia” nem sempre faz ou se preocupa em fazer. O indivíduo solitário (expressão de um pleonasma!) encontra aí abrigo. Nem sempre importa de quanto tempo será sua estadia. O certo é que elas acolhem. Elas acolhem pessoas sozinhas, pessoas abandonadas, pessoas com graves problemas de depressão, casadas e descasadas, mulheres, “gays”, pessoas da terceira idade, empregados e desempregados, são e enfermos, e poderíamos continuar a lista. Podemos dizer que, neste sentido, realizam uma palavra de Jesus: “porque fui estrangeiro e me acolhestes”. Ser estrangeiro é uma sensação que muitos de nós compartilhamos neste mundo globalizado, que, sendo território de todos, não transmite a todos a sensação de pertença.

Essa acolhida, no entanto, teria que ser de qualidade para que proporcionasse às pessoas, de verdade, uma renovação espiritual. Todos andamos à procura de Deus para que nossa vida se encha de sua presença, e possamos trocar a sensação de absurdo pela certeza

de sentido. Citemos mais uma vez Lima Vaz: “Sem a verdade experiencial de Deus, nossa vida andarรก errando entre muitos deuses e muitos senhores: mas serรก ídolos ou imagens enganosas da Verdade que perdemos”<sup>6</sup>.

Mas se todos buscamos esse sentido, a renovação espiritual que queremos bem pode começar pelo respeito à imagem de Deus que cada pessoa tem gravada em seu ser.

## Notas

- <sup>1</sup> Nascido em 15 de outubro de 1961, em Sorocaba (SP). Bacharel em Filosofia pela Faculdade Eclesiástica de Filosofia da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, em 1987. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, em 1992. Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma, em 1997. Doutor em Exegese Bíblica pela Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém, Jerusalém, em 2002. Professor de siríaco da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém, Jerusalém, de 1999 a 2002. Professor de exegese bíblica no Instituto de Teologia João Paulo II, Sorocaba, de 2004 a 2006. Diretor da Escola Dominicana de Teologia, São Paulo, de 2002 a 2006. É professor de exegese bíblica na Escola Dominicana de Teologia, São Paulo, desde 2002; no Centro Universitário São Camilo, São Paulo, desde 2004, e no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, desde 2006.
- <sup>2</sup> Dizemos “guardando certas distinções”, pois não poderíamos exigir uma “consciência planetária” quando ainda não se tinha a idéia de planeta. Por outro lado, a percepção à qual nos referimos é a de uma totalidade. Um habitante do Império Romano podia saber que havia outras pessoas que viviam fora desse Império.
- <sup>3</sup> Por *novas religiosidades* ou *novas manifestações religiosas* compreendemos não as grandes religiões tais como o cristianismo, islamismo, budismo, etc., mas novas maneiras de se viver a religiosidade dentro ou fora dos marcos dessas religiões.
- <sup>4</sup> Uma postura bastante diferente pode ser encontrada no teólogo Pedro Rubens quando escreve: “Tomei estes questionamentos como desafio: sem a pretensão de refazer a história da teologia, mas, ao mesmo tempo, movido pelo desejo de buscar critérios teológicos que não descartem *a priori* as experiências religiosas populares, sem antes discernir seus valores e, quem sabe, encontrar alguma contribuição

para repensar a própria concepção da fé e da vida cristãs.”, *In*: “O método teológico no contexto da ambigüidade religiosa atual”. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 38, 2006), aqui na p. 15.

<sup>5</sup> VAS, H. C. de Lima. *A experiência de Deus*, em vários autores. **Experimentar Deus hoje**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 74-89. Seja esta citação uma humilde homenagem de um discípulo ao grande mestre.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 75.

**Endereço para contato:**

E-mail: [cvmalzoni@uol.com.br](mailto:cvmalzoni@uol.com.br)